

PERCEPÇÕES E DEMANDAS DE PROFESSORES SOBRE EDUCAÇÃO PREVENTIVA AO ABUSO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

Marcos Fernando Knevez¹
Jorge Umberto Béria²
Airtton Tetelbom Stein²
Lígia Braun Schermann³

¹Farmacêutico, Mestrando, em Saúde Coletiva
Professor adjunto do Curso de Medicina², Curso de Psicologia³ e do PPGProSaúde
Universidade Luterana do Brasil/ULBRA

INTRODUÇÃO

Dados recentes acerca do uso mundial de drogas ilícitas mostram que no ano de 2013 o número de usuários chegou a um total de 246 milhões e estima-se que uma entre vinte pessoas, com idade entre 15 e 64 anos, tenha utilizado alguma substância psicoativa (SPA) ilícita no último ano. A magnitude da questão se torna mais evidente quando se considera que mais do que um em dez consumidores de drogas é um usuário problemático, ou seja, apresenta algum tipo de distúrbio devido a este uso. Além disso, apenas um a cada seis desses consumidores problemáticos tem acesso a algum tipo de tratamento (UNODC, 2015). A consequência deste uso abusivo é o aumento na carga global de doença e anos de vida produtiva perdidos (DEGENHARDT ET AL, 2010), além de um número inaceitável de mortes relacionadas com drogas: cerca de 187100 pessoas perderam a vida prematuramente em 2013 (UNODC, 2015). Acabar com a possibilidade do uso de drogas entre os seres humanos é tarefa impraticável, pois seria necessário modificar a própria condição ontológica do homem. Deste modo, as ações de prevenção ao uso abusivo de drogas deveriam estar voltadas para que o próprio sujeito pudesse ter condições de refletir e estabelecer uma melhor relação com as substâncias psicoativas (SODELLI, 2010). Este estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla, chamada “Educação preventiva ao uso abusivo de álcool e outras drogas, em escolas públicas, em um município da região metropolitana de Porto Alegre”, que na sua parte quantitativa apontou para a necessidade das escolas em obter informações para trabalhar com o tema e para a formação insuficiente dos professores sobre o assunto (KNEVITZ, 2015).

OBJETIVO

Aprofundar a compreensão dos temas relacionados à educação preventiva ao abuso de álcool e outras drogas.

MÉTODO

DELINEAMENTO:

Estudo qualitativo exploratório

PARTICIPANTES:

Três professores e três gestores de escolas públicas municipais e estaduais de ensino fundamental e médio. A escolha dos participantes foi intencional, tendo como critérios de inclusão, a participação na pesquisa quantitativa realizada anteriormente e o interesse pelo tema.

INSTRUMENTOS:

O grupo focal (GF) pode ser conceituado como uma entrevista com um grupo de pessoas sobre tópicos específicos, buscando coletar informações que possam propiciar a construção e compreensão de percepções, crenças e atitudes sobre temas, produtos e serviços. Sua especificidade está no fato de que se baseia na interação entre os participantes para obter os dados. Os resultados são produto de consenso do grupo e não individuais (CARLINI-COTRIM, 1996; MINAYO, 2010).

PROCEDIMENTOS:

O GF foi realizado na sede da Secretaria Municipal de Ensino, em uma sala que permitiu conforto e privacidade, onde os componentes ficaram dispostos ao redor de uma mesa e tiveram sua comunicação oral registrada por dois gravadores. O grupo teve a participação de um moderador, um observador, seis participantes e teve a duração de 102 minutos. O Quadro 1 apresenta o roteiro de temas para a discussão no GF.

Quadro 1 – Roteiro semiestruturado para a condução do grupo focal

Assunto	Questões
Projeto Político Pedagógico e o tema álcool e outras drogas	<ul style="list-style-type: none"> • Como o Projeto Político Pedagógico trata do tema álcool e outras drogas? • Como são trabalhados os temas transversais?
Atividades desenvolvidas pela escola em Educação Preventiva	<ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de atividades são realizadas na escola? • Como o trabalho é conduzido?
Dificuldades da escola em implantar e manter a Educação Preventiva	<ul style="list-style-type: none"> • Quais as dificuldades encontradas para trabalhar com Educação Preventiva? • Como suplantam essas dificuldades?
Preparação dos docentes para trabalhar com educação preventiva	<ul style="list-style-type: none"> • Como é a formação do professor para trabalhar com educação preventiva? • O professor está preparado para a Educação Preventiva?

Os participantes do GF aceitaram participar do estudo, pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram identificados com o código alfanumérico, que significa pela ordem: o tipo de cargo que ele ocupa (G para gestor e P para professor) e numerado de 1 a 3.

ANÁLISE DE DADOS:

As verbalizações do GF, depois de gravadas, foram transcritas de forma literal e analisadas através da técnica de análise de conteúdo (MINAYO, 2010). Realizou-se a leitura exaustiva do material transcrito, seguida da ordenação e categorização em função da recorrência e destaque dos temas. Após a indexação do material, foi realizada a releitura de cada categoria e a construção de subtemas, que possibilitaram uma investigação mais específica sobre os assuntos, havendo consenso entre dois pesquisadores. Por fim, foi realizada a interpretação dos resultados e a comparação com o referencial teórico da pesquisa.

RESULTADOS

Das categorias definidas *a priori*, surgiram subcategorias emergidas das verbalizações ocorridas no grupo focal e que estão apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2 – Categorias e subcategorias do grupo focal

Categorias	Subcategorias
Projeto Político Pedagógico e o tema álcool e outras drogas	Projeto pedagógico emergencial e não preventivo Temas transversais na sala de aula
Atividades desenvolvidas pela escola em Educação Preventiva	Atividades realizadas Interatividade Continuidade
Dificuldades da escola em implantar e manter a Educação Preventiva	Onde encontrar orientação sobre o tema Participação inadequada da família Obstáculos em participar da rede de atendimento em saúde Baixa participação dos professores
Preparação dos docentes para trabalhar com educação preventiva	Considerações sobre a base curricular Atividades de formação inadequadas ou insuficientes Professores não se sentem preparados para a educação preventiva

“É mais fácil eu não tocar neste assunto e seguir com o conteúdo normal programado, que já está no meu plano de estudos, do que eu parar para fazer uma roda de conversa, para fazer um diálogo sobre o assunto”. (P2)

“Os temas transversais geralmente estão mais a cargo do professor e são realizados como só dando uma passada, enquanto a preocupação maior é com o conteúdo (programático) em si”. (P1)

“O trabalho preventivo na escola parte da orientação educacional, mais a supervisão e a direção, embora o entrave maior esteja na questão dos pais. A gente já fez aqueles chamamentos, trazemos palestrantes, os pais não vão, não valorizam a escola em si”. (P1)

“Não existe conversa na família, ou prevenção”. (G2)

“Nós, como escola, não temos subsídios no local, uma pessoa específica [...] que diga: olha tu vai procurar tal pessoa”. (G3)

“Temos dificuldade com o tema, eu acho [...] porque nós não temos uma formação para conseguir falar disto. Nós como gestores ou mesmo professores não temos este conhecimento, mesmo, para tratar disto”. (G3)

“Não tem modelo (preventivo) nenhum, [...] geralmente (o assunto) fica solto. A maioria dos professores tem muitas dúvidas”. (G2)

CONCLUSÃO

A educação preventiva ao uso abusivo de SPAs, no ambiente escolar estudado, não está ocorrendo de forma sistemática. Praticamente não existem atividades realizadas com planejamento e abrangência necessárias para atingir resultados minimamente satisfatórios. Parece não haver, nas escolas, uma linha clara e definida para a prevenção. As poucas práticas relatadas são provenientes de iniciativas circunstanciais e individuais, sem continuidade das ações. A formação dos professores carece de um maior investimento por parte dos gestores da educação, de modo a proporcionar condições técnicas que permitam o desenvolvimento de ações com metodologia adequada à prevenção.

REFERÊNCIAS

CARLINI-COTRIM, B. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. Rev. Saúde Pública, 30(3), 285-293, 1996.
DEGENHARDT, L. et al. Global burden of disease attributable to illicit drug use and dependence: findings from the Global Burden of Disease Study 2010. Lancet, n. 382, p. 1564-74, ago. 2013.
KNEVITZ, M. F. Educação preventiva ao abuso de álcool e outras drogas, em escolas públicas, em um município da região metropolitana de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva. Universidade Luterana do Brasil/ULBRA, Canoas, RS, 2015.
MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª ed. Hucitec. São Paulo (SP), 2010.
SODELLI, M. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. Rev. Ciência Saúde Coletiva, v. 15, n. 3, p. 637-44, 2010.
UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC). World Drug Report: Executive Summary. Viena, 2015. Disponível em: <http://www.unodc.org/documents/wdr2015/World_Drug_Report_2015.pdf> Acesso em: 25 set. 2015.